



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UniMauá**  
**CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**DÉBORA CRISTINA SILVA DOS ANJOS**

**AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA FASE  
ADULTA**

**Taguatinga – DF**

**2021**

**DÉBORA CRISTINA SILVA DOS ANJOS**

**AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA FASE  
ADULTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação das Professoras Meg Gomes Martins de Ávila e Raphaella Christiane Sousa Caldas.

**Taguatinga – DF**

**2021**

Artigo de autoria de DÉBORA CRISTINA SILVA DOS ANJOS, intitulado “AS CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA FASE ADULTA”, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia no CENTRO UNIVERSITÁRIO UniMauá, em 29 de outubro, defendido e aprovado pela seguinte banca examinadora:

RC5Caldas

Profa. Me. R Raphaella Christiane Sousa Caldas.  
Professora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniMauá

Mgmartins

Profa. Me. Meg Gomes Martins de Ávila  
Membra da Banca Examinadora  
Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Mauá

Bianca da N. Rogoski

Profa. Me. Bianca de Nobrega Rogoski  
Membro da Banca Examinadora  
Professora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UniMauá

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, a todas as pessoas que um dia foram vítimas de abuso sexual em sua infância, e carregaram as marcas desse trauma por longos anos, e se tornaram adultos que conseguiram superar tal abuso e para aquelas crianças que já foram ou são abusadas sexualmente. Dedico a minha sensibilidade e o meu apoio a lutar pelos seus direitos e justiça quando esse tipo de violência ocorrer em suas vidas. Suas histórias são tão tristes e revoltantes, mas vocês não estão sozinhos, tem a nós PSICÓLOGOS.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus que foi meu amparo em momentos de desespero e angústia sua presença sempre foi forte ao meu lado, ele tem sido o meu alívio e ânimo para prosseguir.

A minha mãe Ana Cristina da Silva dos Santos e meu esposo Silvio de Sales Cunha que sempre estiveram ao meu lado durante todo esse processo me incentivando a não desistir do curso, nos momentos mais difíceis vivenciados foram eles que acreditaram e persistiram para que eu chegasse até aqui nesses 5 (cinco) anos na Universidade. As minhas amigas e colegas de faculdade Kariane Alves da Conceição, Rosilda Martins e Ameny Nery que sempre tinham palavras de ânimo e perseverança para que conseguíssemos vencer juntas mais essa etapa. Aos professores que contribuíram para o melhor aperfeiçoamento do pensamento, ensinando modos diferenciados da busca do conhecimento, apontando como se portar diante das dificuldades da profissão e como ser um bom profissional seguindo o nosso Código de Ética Profissional e sendo imparcial em nossas decisões, em especial a minha professora orientadora Raphaella Christiane Sousa Caldas, que sempre foi muito acessível e empática com seus alunos, sempre trouxe correções de maneira muito gentil buscando reforçar nossos acertos e corrigir nossas falhas, sempre com muita dedicação e paciência. Seu método de ensino foi excelente e vou levar sempre comigo na minha trajetória profissional.

*“É melhor tentar e falhar que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar que, em dias tristes, em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver”. Martin Luther King*

# OS REFLEXOS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL NA PERSONALIDADE

Débora Cristina Silva dos Anjos

## RESUMO

Este artigo discute sobre as consequências nocivas que o abuso sexual acarreta a suas vítimas. Inicialmente, aborda-se a evolução sócio histórica sobre a infância, demonstrando a transformação desse conceito. Posteriormente, demonstra-se como o abuso sexual contra crianças e adolescentes é apontado como um problema de saúde pública, devido seus efeitos negativos para o desenvolvimento cognitivo, emocional, comportamental e físico das vítimas. O artigo se trata de uma pesquisa bibliográfica descritiva, cujo objetivo principal é relatar as consequências que um abuso sexual causa na personalidade de suas vítimas. Os recursos utilizados para a realização do presente trabalho foram artigos científicos que tratassem da temática abuso sexual. Com isso considera-se que o abuso sexual infantil acarreta diversos reflexos negativos para vida do indivíduo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abuso sexual. Crianças. Vítimas.

## ABSTRACT

This article discusses the harmful consequences that sexual abuse brings to its victims. Initially, the social and historical evolution of the child is approached, demonstrating the transformation of the view on the concept of childhood. Later, it demonstrates how sexual abuse against children and adolescents is identified as a public health problem, due to its negative effects on the victims' cognitive, emotional, behavioral and physical development. The article is a descriptive bibliographic research, whose main objective is to report the consequences that sexual abuse causes on the personality of its victims. The resources used to carry out this work were scientific articles that dealt with the topic of sexual abuse. Thus, it is considered that child sexual abuse entails several negative effects on the individual's life.

**KEY WORDS:** Kids. Sexual abuse. Victims

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre sobre como um abuso sexual sofrido na infância pode afetar a personalidade de um indivíduo. A abordagem deste tema se justifica

considerando que a criança é um sujeito em formação que atravessou a humanidade recebendo diferentes aprendizados em decorrência das relações que foram estabelecendo. Segundo Kramer (2007, p. 15): “crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas”. Referindo-se à infância como uma categoria social e histórica, a autora afirma que a noção de infância tem seu surgimento atrelado ao surgimento da sociedade capitalista, urbano-industrial. Isso ocorreu devido às mudanças que também foram acontecendo na inserção e no papel social da criança em sua comunidade (BRASIL, 2006, p.14).

Todavia, na Idade Média esse processo não obtinha tanta atenção, pois segundo Ariès (1981), não era perceptível uma transição da infância para a fase adulta. Conforme descreve:

Na idade média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram considerados capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja aproximadamente, ao sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrasava numa mesma torrente as idades e as condições sociais[...] (p. 275).

Seguindo esse pensamento compreende-se que a infância foi negligenciada por muito tempo, pois este momento da vida do ser humano demorou a ser compreendido na sociedade como tendo maior necessidade de atenção. Na atualidade, entende-se esse processo como um período de absorção de conhecimento, ou seja, um período de “construção”. Os abusos sexuais são recorrentes há muito tempo.” Associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos fazia parte do costume da época e não chocava o senso comum” (ARIÈS, 1981). O imperador romano Tibério, segundo a obra de Suetônio sobre a vida dos Césares, tinha inclinações sexuais que incluíam crianças como objeto de prazer. Há relato de que ele se retirou para a ilha de Capri com várias delas e que as obrigava a satisfazer sua libido por meio da prática de diversas formas de atos sexuais (CARTER-LOURENSZ; JOHNSON-POWELL, 1999).

A partir dessa visão, pode-se observar o quão nocivo pode ser para a criança ser levada a adentrar de forma violenta, abusiva e sem consentimento em práticas sexuais. Além de serem práticas ilegais e consideradas como estupro, as crianças



estão em período de formação, ainda estão em um processo de adquirir experiências comuns à sua faixa etária.

A criança é um sujeito social e histórico que está inserido em uma sociedade na qual partilha de uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também contribui com ele (BRASIL, 1998, p. 21).

Segundo Peiffer e Salvagni (2005) a violência sexual atinge todas as idades, classes sociais, etnias, religiões e culturas e pode ser considerado como qualquer ato ou conduta que cause danos ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à vítima e, em casos extremos, a morte.

O abuso sexual constitui uma das categorias de maus-tratos contra crianças e adolescentes, as quais incluem ainda, o abuso psicológico, o abuso físico e a negligência (BORGES; DELL'AGLIO, 2008). O abuso sexual caracteriza-se por qualquer ação de interesse sexual de um ou mais adultos em relação a uma criança ou adolescente, podendo ocorrer tanto no âmbito intrafamiliar – relação entre pessoas que tenham laços afetivos, quanto no âmbito extrafamiliar – relação entre pessoas que não possuem parentesco (FLORENTINO, 2015). Ele pode ser definido como uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução (ARAÚJO, 2002).

Qualquer ato libidinoso ou jogo sexual que tem por finalidade estimular sexualmente crianças ou adolescentes menores de 14 anos é considerado crime, visto que a criança não está preparada em termos de desenvolvimento.

A exploração sexual infanto-juvenil caracteriza-se pela relação de exploração e poder, a qual o corpo da criança ou adolescente é usado (abusado) e ofertado (vendido) a fim de obtenção de proveito deste, bem como, satisfazer a demanda de consumidores do mercado do sexo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009). Em crianças é um dos tipos de crueldade mais frequentes, apresentando implicações médicas, legais e psicossociais que devem ser cuidadosamente estudadas e entendidas pelos profissionais que lidam com esta questão.

O artigo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, os recursos utilizados para a realização do presente trabalho foram artigos científicos e livros que tratassem da temática abuso sexual. Foi feita uma análise dos conceitos de abuso sexual abordado pelos autores bem como cada rede de proteção atua na prevenção do abuso sexual e proteção das vítimas, o público foi crianças.

Diante do que foi exposto, o objetivo do presente artigo é relatar as consequências nocivas que abuso sexual acarreta a suas vítimas e sua repercussão

ao longo dos anos. Pois, de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA (BRASIL, 1990), as crianças são pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

## 2 OS REFLEXOS DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

O abuso sexual causa na vítima inúmeras consequências que podem estender-se ao longo de toda sua vida, pois resulta em danos que podem ser físicos e comportamentais. Um exemplo dessa amplitude de consequências possíveis é o trazido pela 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que afirma que o abuso sexual pode agir como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos relacionados à disfunção sexual (APA, 2014).

As sequelas deixadas desse trauma podem ser cognitivas, afetivas, físicas ou psicopatológicas. Praticamente todas as vítimas de abuso sexual passam após a situação abusiva pelo Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), como costuma ser nomeado por alguns autores. O TEPT está ligado a experiências incomuns da existência humana que causam um impacto emocionalmente severo no indivíduo, deixando consequências que afetam a saúde física e mental. (FLORENTINO, 2015). Por meio deste estudo é possível constatar a complexidade do abuso sexual que pode causar diversos prejuízos, as experiências de violência ocorridas na infância poderão interferir de modo significativo no desenvolvimento futuro, apresentando dificuldades emocionais, comportamentais, psicológicas e até transtornos mentais graves.

Segundo KALSCHED, DONALD, p15 (2013) quando o trauma atinge a psique em desenvolvimento de uma criança, tem lugar uma fragmentação da consciência na qual as diferentes "partes" (Jung as chamava de psiques fragmentadas ou complexas) se organizam de acordo com certos padrões arcaicos e típicos (arquetípicos), mais comumente díades ou sizíngias formadas por "seres" personificados. Tipicamente, uma das partes do ego *regressa* ao período infantil, e outra parte *progride*, isto é, cresce rápido demais e se torna precocemente adaptada ao mundo exterior, com frequência como um "falso eu" (Winnicott, 1960a). A parte da personalidade que *progrediu* cuidar, então, da parte que *regrediu*.

O abuso sexual contra crianças é uma das situações mais desrespeitosas e agressivas que estes podem sofrer. Ser violados por pessoas de sua confiança é por muitas vezes, obrigados a calar-se e, quando denunciam, em inúmeros casos suas informações são descredibilizadas. Observa-se que as ameaças e chantagens feitas pelo abusador em troca do silêncio da vítima que se estabelece nos casos de abuso

sexual contra crianças é um entrave para que este seja impedido de relatar a agressão.

Segundo CAMÕES (2013) são vários os fatores que poderão levar o menor a silenciar a violência sexual. O silêncio vai permitir que a violência contra o menor se perpetue no tempo, desta forma, será importante que os adultos estejam atentos aos sinais e sintomas que poderão evidenciar a existência de violência sexual. As vítimas de abuso sexual infantil podem apresentar comportamento agressivo e medo excessivo de adultos, particularmente de homens (ADED et al, 2006).

Em muitos casos a vítima, passa a ter dificuldade de confiar nas pessoas, pois na infância sua confiança foi quebrada por pessoas que deveriam protegê-la, e isso pode gerar dificuldades em seus relacionamentos amorosos. Citam-se ainda consequências sexuais, como comportamento sexual inapropriado e alterações comportamentais, como isolamento, dificuldade de confiar no outro e estabelecer relações interpessoais (AMAZARRAY; KOLLER, 1998).

As vítimas tornam-se mais vulneráveis a episódios de depressão, baixa autoestima, insegurança e ideações suicidas, além de dificuldade de estabelecer relacionamentos duradouros, bem como incapacidade de evitar situações de revitimização (SANT'ANNA E BAIMA, 2008).

Com relação à vítima, pode-se afirmar que o silenciamento diante de uma situação que lhe viola, oprime, envergonha e, muitas vezes, desumaniza, constitui uma reação natural à situação vivenciada, posto tratar-se de um "cidadão em condições especiais de desenvolvimento", submetido a uma relação assimétrica de poder (física e/ou psicológica) que, muitas vezes, se estende para além do controle e domínio da vítima propriamente dita (CUNHA; SILVA; GIOVANETTI, 2008, p. 283).

Segundo Kalsched, Donald, p28 (2013), pessoas que vivenciaram experiências traumáticas na infância tornam-se prematuramente autossuficientes na infância, romperam as relações genuínas que poderiam ter tido com os pais durante seus anos de desenvolvimento e, como alternativa, cuidaram de si mesmos num envoltório de fantasia.

E perceptível que o abuso sexual feito contra menores de idade geralmente é intrafamiliar, ou seja, cometido por pessoas próximas à vítima, como, vizinhos, professores, amigos e família. Desta forma, o agressor ocupa um lugar de supremacia em relação à vítima, utilizando esse artifício de várias maneiras para intimidar a vítima, muitas vezes por meio de chantagem emocional, ameaça ou intimidação. Quando finalmente a criança decide expor a uma pessoa os abusos sexuais que tem sofrido,

muitas vezes, já se foram meses ou até mesmo anos, o que irá dificultar a resolução da situação.

Pode acontecer, também, que a criança tenha que permanecer no convívio com o agressor, acarretando a perda de provas e indícios, que irão prejudicar a incriminação do agressor. Durante esse tempo pode também sobrevir informações desconstruídas ou pouco significativas, que poderão afetar o desenrolar do processo judicial.

## 2.1 CONSEQUÊNCIAS DO ABUSO SEXUAL NA PERSONALIDADE NA FASE ADULTA

Pode-se abordar o assunto abuso sexual em diversas perspectivas. Ao analisar as vivências de vítimas de abuso sexual e como isso ainda repercute na fase adulta, compreende-se o medo e culpa que eles carregam. O silêncio é a marca característica do abuso sexual contra crianças, uma vez que qualquer tentativa de revelação é repreendida pelo agressor, por meio de ameaças ou chantagens. Quase sempre, os parentes não-agressores costumam evitar escândalos que possam abalar ainda mais a estrutura familiar (JUSTINO, 2011).

No começo da infância, as crianças desenvolvem determinadas ideias sobre si mesmas, sobre as outras pessoas e o seu mundo. As suas crenças mais centrais, ou crenças nucleares, são compreensões duradouras tão fundamentais e profundas que frequentemente não são articuladas nem para si mesmo (BECK, 2013). Com isso uma das abordagens da psicologia intitulada terapia cognitivo-comportamental (TCC) discorre a respeito dessas crenças centrais que podem ser negativas ou limitantes, elas são construções mentais, que aparecerão somente quando a criança estiver adulta, trazendo muitas vezes prejuízos psicológicos como: medo, a insegurança, a ansiedade, e até transtornos psicológicos são algumas das muitas consequências.

Crianças que sofrem o abuso sexual podem ter objeção para estabelecer relações sociais, pode até mesmo torna-se adultos que praticam abusos com outras crianças ou prostitui-se, podendo ter problemas graves quando adultos como: falta de confiança em relacionamentos, transtornos psicológicos e culpa.

Segundo Camões (2013) O Abuso Sexual Infantil acarreta grandes danos ao desenvolvimento da criança e por isso a prevenção deve ser iniciada o mais cedo

possível, quando a criança começar a ter compreensão de sexualidade, começar a compreender seu corpo.

A vivência de situações traumáticas, como o abuso sexual durante a infância e a adolescência, pode acarretar sérios prejuízos tanto ao desenvolvimento infanto-juvenil quanto para a vida adulta, com repercussões cognitivas, emocionais, comportamentais, físicas e sociais, que variam para cada indivíduo (BRIERE E ELLIOT et al., 2003). Abuso sexual no contexto familiar constitui uma experiência traumática que afeta, sobretudo, o desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes, resultando em prejuízos que podem se prolongar até a vida adulta. Trata-se de um fenômeno cuja revelação cria um processo complexo para a própria menina abusada, considerando, principalmente, o estágio de desenvolvimento psicossocial em que se encontra (LIRA et al., 2017). O abuso físico, isolamento social, falta de rede de suporte emocional e a existência de transtornos mentais na mãe são fatores que se destacam por sua associação com abuso sexual na infância.

A exibição ao estresse crônico pode ocorrer no abuso sexual infantil, resultando em um estado persistente de temor e, desta maneira, causa efeitos negativos ao neurodesenvolvimento. Com isso, a exposição crônica ao abuso sexual sofrido na infância pode trazer resultados no desenvolvimento do TEPT durante episódios críticos do processo de maturação e organização cerebral, que, pode vir a influenciar a natureza dos prejuízos cognitivos.

Em decorrência dos fatores relatados, nota-se que o trauma sofrido se não for tratado na infância pode repercutir na vida adulta de forma severa, podendo acarretar desconforto em relações, prejuízos cognitivos, afetivos, psicológicos e diversos outros. Dessa forma, observa-se a importância de um acompanhamento psicológico acessível a todas as vítimas de abuso sexual e aos seus familiares.

### **2.1.1 Fatores que mantêm a recorrência dos abusos**

Partindo do que é observado na personalidade das vítimas de abuso sexual infantil e levando em consideração seu comportamento mediante este trauma, é perceptível que os casos vêm aumentando, pois muitas vítimas sentem medo e culpa, visando essa ação exemplos e dados foram coletados no intuito de responder ao problema de pesquisa: Quais sequelas este trauma pode acarretar as suas vítimas?

Quando o agressor percebe que a criança começa a entender como abuso ou, ao menos, como anormal seus atos, tenta inverter os papéis, impondo a ela a culpa de ter aceitado seus carinhos. Usa da imaturidade e insegurança de sua vítima, colocando em dúvida a importância que tem para sua família (PFEIFFER; SALVAGNI,2005).

É possível afirmar que a criança ou adolescente facilmente encontrará razões para se sentir culpada diante de uma situação de abuso sexual. Por isso, é essencial ouvir a criança e permitir que se expresse ao nível de sua culpa, pois o que ela pode dizer e sentir no plano consciente, e também no inconsciente, talvez seja muito diferente de nossas projeções e de nossa lógica enquanto adultos (FLORENTINO,2015).

Muitas vezes, a dinâmica do abuso sexual infantil envolve um “segredo familiar” mantido por meio de chantagens e/ou ameaças que são responsáveis por causar sentimento de insegurança, solidão, desamparo e culpa na criança (ARAÚJO, 2002).

Observa-se que o pacto de silêncio que se estabelece nos casos de abuso sexual contra crianças é um entrave para que este seja impedido e os agressores punidos.

Quanto mais próximo o convívio da criança com o autor do abuso sexual, mais difícil a revelação. Assim, conquanto sejam identificados indícios de ter sido aquela criança vítima de abuso sexual (sexualidade exacerbada, medo de frequentar determinado lugar, tristeza, retração), é possível que a criança não queira revelar o autor do abuso sexual ou até indique pessoa diversa por ter recebido ameaças e orientações do abusador. (RAMOS,2010).

As sequelas deixadas ocorrem por persistência da síndrome do segredo que desencadeia consequências de diversos níveis. Uma das dificuldades desta síndrome é o convívio com o agressor e a ocorrência de outros abusos. As crianças chantageadas pelo agressor mentem, pois estão sob ameaça, o agressor impõe que o ocorrido entre eles é segredo. Observa-se os respectivos efeitos que o silêncio causa às vítimas, contribuindo para a recorrência desses abusos pois tendo em vista que em grande parte dos casos o abusador é alguém do seu convívio.

A violência intrafamiliar continua acontecendo, apesar de algumas conquistas no campo institucional, político e jurídico. Mantém-se pela impunidade, pela ineficiência de políticas públicas e ineficácia das práticas de intervenção e prevenção. Mantém-se também com a cumplicidade silenciosa dos envolvidos: o silêncio da vítima, cuja palavra é confiscada pelo agressor através de ameaças; o silêncio dos demais parentes não agressores, que fecham os olhos e se omitem de qualquer atitude de proteção da vítima ou de denúncia do agressor; o silêncio dos profissionais que, em nome da ética

e do sigilo profissional, se refugiam muitas vezes numa atitude defensiva, negando ou minimizando os efeitos da violência (ARAÚJO, 2002).

O atendimento do abuso sexual infantil gera muita ansiedade nas equipes de saúde e nas varas da família, por conta das dúvidas levantadas sobre a veracidade ou não da denúncia, e, principalmente, pela resistência das famílias diante da imposição judicial do atendimento (ARAÚJO, 2002). É uma experiência dolorosa para a criança e para a família, pois ao relatar o segredo traz à tona a violência que ocorre dentro da própria casa. É difícil também para os profissionais, que muitas vezes tem dificuldades em como agir diante desses casos, isso é um alerta aos profissionais que irão lidar com casos como este, que possam a cada dia buscar informações e preparo para oferecer o suporte devido a vítima e a sua família que também fica abalada com o acontecido, em muitos casos os pais sentem se culpados por não terem conseguido evitar o acontecido.

São diversas as situações de vulnerabilidade social que emergem do contexto familiar, principalmente quando essas famílias estão em territórios de carências, interferindo diretamente na garantia dos direitos das crianças e adolescentes (BARRETO,2016). Estas circunstâncias propiciam o aumento da violência, entre elas estão as imensas desigualdades sociais, culturais e econômicas, o acesso às drogas, o desemprego, ou mesmo os efeitos perversos da chamada cultura de massa. Com isso, observa-se a necessidade de mais informação e atitudes por parte das autoridades e da população para estar dando suporte a vítima deste tipo de violência.

A revelação do abuso sexual produz uma crise imediata nas famílias e na rede de profissionais. Visto que a maioria dos casos de abusos ocorrem em sua própria família ou por pessoas próximas. Um fator abordado por Sanderson (2005) é o de que o abusador, antes de aliciar a vítima, alicia os adultos. Somente conquistando a confiança dos adultos que cuidam da criança é que ele consegue as oportunidades para que o abuso aconteça. Em muitos casos, o processo de conquistar a confiança da família pode durar muito tempo, o que faz com que o abusador obtenha da família uma credibilidade que mais tarde vai dificultar ainda mais a revelação por parte da vítima (PELISOLI; PICCOLOTO, 2010).

### 2.1.2 Algumas considerações sobre cuidados com as vítimas

O impacto que um abuso sexual causa na saúde física e mental da criança, deixa marcas em seu desenvolvimento, com danos que podem persistir por toda vida. Relatar as consequências que envolvem o abuso sexual na infância e na adolescência, oferecendo subsídios para a identificação e cuidados corretos, visando e salientando suas consequências a curto e longo prazo.

Diante da gravidade e da complexidade desse tema, e necessário ir a fundo e compreender mais sobre o abuso sexual na infância e o seu impacto na vida adulta das vítimas, de modo a contribuir para a construção de modalidades de atendimento mais eficientes. Nesse sentido, além de novos estudos, devem ser criadas e mantidas equipes multidisciplinares capacitadas para lidar com os diversos aspectos que envolvem essa questão (ADED et al, 2006).

Destaca-se aqui, também, a necessidade de alertar os pais, crianças e autoridades governamentais para a importância da proteção das vítimas e a prevenção dos abusos sexuais.

O atendimento psicológico de crianças vítimas de abuso sexual é de extrema importância, e vai de acordo com as necessidades de cada criança. Não é possível generalizar os efeitos do abuso sexual para todas as crianças, pois a gravidade e a quantidade das consequências dependem da singularidade da experiência de cada vítima. O acolhimento da criança e de sua dor é o primeiro passo para um bom resultado do tratamento físico e emocional que serão necessários (COGO et al., 2011).

Segundo Cardin; Mochi; Bannach (2011) O princípio da proteção integral caracteriza-se pela valorização da condição de vulnerabilidade do infante, sendo dever do Estado, da família e da sociedade amparar a criança em seu desenvolvimento físico, mental, moral e intelectual.

Tanto a vítima como sua família deverão ser acompanhados e tratados por uma equipe multidisciplinar com experiência nessa área. Todas essas ações devem priorizar o superior interesse da criança.

Diante desse contexto, sabe-se que está previsto em lei, mais precisamente no artigo 19 do ECA que: é direito da criança e do adolescente crescer em seio familiar ou família substituta que proporcione um ambiente saudável para seu desenvolvimento, livre de pessoas que façam uso de entorpecentes. Além disso, o estatuto prevê que em casos de reintegração à família terá prioridade (BRASIL, 1990).

Para conseguir resolver este problema tão difícil e grave como o abuso sexual, precisa se de uma rede de apoio associada a programas e serviços, que possibilitem suporte adequado às vítimas e suas famílias. Faz-se necessário também conhecer as



repercussões na vida de crianças e adolescentes: rendimento escolar, adaptação social, alterações da saúde física e mental e a possibilidade de desenvolverem distúrbios comportamentais (ADED et al,2006).

Portanto, diariamente as pessoas que convivem com a criança podem conseguir oferecer um suporte maior às vítimas e essas pessoas podem ser os professores, orientadores e funcionários das escolas. Por meio desse convívio diário torna-se possível uma maior identificação das vítimas de abuso sexual, visto que é notável que muitas crianças apresentam mudanças no comportamento. Algumas crianças podem se retrair ou serem agressivas e diversos outros sintomas podem surgir. No entanto, a escola pode também adentrar como forma de alerta e prevenção a essas ocorrências, por meio da educação sexual (ou seja, por meio de aulas e palestras trazendo informações necessárias às crianças e adolescentes).

Segundo Spaziani; Maia (2015) A educação para a sexualidade no contexto escolar visa dar voz às crianças, problematizando as relações de poder e de gênero, sanando as suas curiosidades sobre a sexualidade humana, bem como questionando a utilização da infância como alvo e objeto de consumo, como nas diversas propagandas em que a criança é colocada como um corpo erotizado a ser consumido.

Por sua vez, para alertar a população para a prevenção do abuso sexual, nota-se algumas alternativas importantes a serem colocadas em prática, como a transmissão das informações sobre o problema, reflexões sobre como prevenir o abuso sexual contra as pessoas mais vulneráveis, esclarecer à população sobre a importância da denúncia a ser feita logo após a violência sexual, propagação da ideia de que também se omitir a denúncias de maus-tratos a crianças e adolescentes é crime, aperfeiçoamento do diagnóstico de abuso, utilizando exames para detecção e não apenas entrevistas; atividades que envolvam análise de desenhos quando a vítima for criança e a observação das condutas do examinando, a reabilitação da vítima e tratamento multidisciplinar.

Tanto o agressor sexual quanto o que imputa ao outro falsas acusações de abuso sexual devem ser responsabilizados civilmente. A violação aos direitos da personalidade da criança e do adolescente implica perdas e danos. Nesses casos, a indenização poderá ser destinada a garantir a assistência material da vítima, bem como arcar com os custos de um tratamento psiquiátrico, psicológico e pedagógico (CARDIN; MOCHI; BANNACH,2011).

Nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), de base municipal e territorial, devem ser desenvolvidos serviços, programas, projetos e ações que, articulados com a rede local, garantam a proteção social básica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009).

Por meio das informações obtidas nesse artigo mostra-se a importância de que profissionais da psicologia adentrem de forma sábia esta temática do abuso sexual. Nota-se que protocolos de entrevista podem ajudar os profissionais na hora da entrevista, servindo como um instrumento de orientação. Contudo, o estabelecimento do rapport e a postura empática é o que esclarecerá se os dados obtidos são de qualidade. A escuta profissional tem que ser ética pois este irá se comprometer verdadeiramente com a criança, buscando contribuir para a melhora de sua qualidade de vida e proteção.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo apontou as diversas consequências do abuso sexual e como elas podem repercutir ao longo da vida se não for tratada inicialmente, levando essas consequências a uma progressão. Com isso a recorrência dos abusos é notável, pois grande parte dos abusos tem cunho intrafamiliar, ou seja, são pessoas do convívio da criança que geralmente obtêm sua confiança, e passam a silenciá-las e chantageá-las.

Ressalta-se, no entanto, a importância dos profissionais que estão diariamente com a criança, pois eles podem observar as modificações que podem advir no comportamento da criança e encaminhá-la aos profissionais especializados em assistência social e proteção social.

Mostra-se necessário o acolhimento da família ou de cuidadores na compreensão dos danos causados pelo abuso sexual e também na atenção e proteção dessas vítimas, proporcionando a elas segurança e um tratamento qualificado, sendo pacientes e disponíveis a escutá-las, é credibilizando seus relatos indo em busca dos recursos necessários para um bom tratamento.

Considera-se que o abuso sexual infantil pode acarretar diversos reflexos negativos para a vida do indivíduo e com isso traz a importância de trazer uma implementação para que esses casos sejam investigados e compreendidos. Para abranger as relações entre abuso sexual na infância e como este pode afetar a

personalidade desta vítima na fase adulta, visando contribuir para o desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas eficazes, auxiliando na prevenção da violência sexual infantil.

## REFERÊNCIAS

ADED, N.L.O.; DALCIN, B.L.G.S.; MORAES, T.M.; CAVALCANTI, M.T. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. **Rev. Psiq. Clín.** São Paulo, v. 33, n. 4, p. 204-213, Set 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000400006>. Acesso em: 1 ago. 2021

AMAZARRAY, M. R. KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Rev. Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, RS. V. 11, n. 11, p. 559-578,1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014>. Acesso em: 1 ago. 2021

ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. **Psicol. Estud.** Maringá, Paraná. v. 7, n. 2, p. 3-11, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200002>. Acesso em: 16 abr. 2021

ARIÈS, Philippe. **História social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p.275.

APA - Associação Americana de Psiquiatria (2002). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (5ª. ed.). Porto Alegre: Artmed. 992 p. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>  
Acesso em 16 AGO 2021

BARRETO, J. V. G. **Violência sexual na infância e adolescência no âmbito familiar: faces obscuras de um problema social**. 2016. 48 p. Monografia (Graduação em Serviços Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Polo Universitário de Campos dos Goytacazes, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/9535/1/MONOGRRAFIA%20JULIANA%20BARRETO%20PDF.pdf>. Acesso em 20 AGO 2021

BECK, JUDITH S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. 399 P.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 20 abril. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998. 3. v. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 20 abril. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Política Nacionais de Educação Infantil.** Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/polinaci.pdf>. Acesso em: 20 abril. 2021.

BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. **Psicol. estud.** Maringá. V. 13, n. 2, p. 371-379, Jun 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/vzB7BZxdqrbmKZC7dkdmXhb/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio .21

Briere, J., & Elliott, DM (2003). **Prevalência e sequelas psicológicas de abuso físico e sexual na infância autorreferido em uma amostra da população geral de homens e mulheres.** *Abuso e negligência infantil*, 27 (10), 1205-1222

CAMÕES, Cristina. Violência Sexual em Menores. **Psicologia: o portal dos psicólogos.** Portugal, P.01-15, 2005. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0245.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

CARDIN; MOCHI; BANNACH. Do abuso sexual intrafamiliar: uma violação aos direitos da personalidade da criança e do adolescente. **Revista Jurídica Cesumar – Mestrado.** Maringá, v. 11, n. 2 p. 401-432, jul./dez. 2011 Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/view/2090>. Acesso em: 10 maio 2021.

CARTER-LOURENSZ, J.H.; JOHNSON-POWELL, G. - **Abuso Físico, Abuso Sexual e Negligência da Criança**, In: Kaplan, H.I.; Saddock, B.J. Tratado de Psiquiatria, v. 3. Artmed, Porto Alegre, p. 2660-2676, 1999

COGO, K. S; ANTUNES DE OLIVEIRA, L.; CIELO MAHL, Álvaro; AUGUSTIN HOCH, V.; BATTISTI, P. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unoesc & Ciência - ACHS**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 130–139, 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/667>. Acesso em: 1 ago. 2021

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias: referências para a atuação do psicólogo.** Brasília, p. 92, 2009. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/10/CREPOP\\_Servico\\_Exploracao\\_Sexual.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/10/CREPOP_Servico_Exploracao_Sexual.pdf). Acesso em: 15 jun. 2021

CUNHA, E. P.; SILVA, E. M.; GIOVANETTI, A. C. **Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil: expansão do PAIR em Minas Gerais.** Belo Horizonte: UFMG, 2008. Disponível em: <http://pair.ledes.net/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=214>. Acesso em: 1 jun.2021.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bergamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144,2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n2/1984-0292-fractal-27-2-0139.pdf>. Acesso em :1 set 2021.

GALHEIGO, S. M. (2008). Apontamentos para se pensar ações de prevenção à violência pelo Setor Saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, v.17, n.3, p.181-189, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300018>. Acesso em: 1 set 2021.

JUSTINO, L. C. L; FERREIRA, S.R.P; NUNES, C.B; BARBOSA, M.A.M; GERK, M.A.S; FREITAS, S.L.F. Violência sexual contra adolescentes: notificações nos conselhos tutelares, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 781-787, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000400020>  
Acesso em 16 AGO 2021

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300320&lng=pt&nrm=iso). Acesso em:1 set. 2021.

KALSCHED, DONALD. **O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal** / Donald Kalsched; [tradução Claudia Gerpe Duarte]. 1ª ed. - São Paulo, 2013.P.15;28. - (Coleção Amor e Psique)

KRAMER, S. (Org.). **Com a Pré-escola nas mãos :Uma alternativa curricular para a Educação Infantil.** São Paulo: Editora Ática, 1991.P.15

RAMOS, Patrícia Pimentel de Oliveira Chambers. **Abuso Sexual ou Alienação Parental: o difícil diagnóstico,** dez. 2010. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/?artigos&artigo=695>. Acesso em: 5 ago. 2011

PFEIFFER. Luci; SALVAGNI. Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. Artigo de Revisão. **Jornal. Pediatra.** (Rio J.) [online]. v.81, n.5. Nov. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>. Acesso em 20 abril .2021

SANT'ANNA, P.A.; BAIMA, A.P.S. 2008. Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Ciência e Profissão,** v. 28, n.4, p.728-741, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400006>  
Acesso em 16 AGO 2021

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. **Rev. Psicopedag.** São Paulo, v. 32, n. 97, p. 61-71, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862015000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100007&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 4 out. 2021.

WITTER, G. P. (2008). Psicologia da saúde e produção científica. **Estudos de Psicologia.** Campinas, v. 25, n. 4, p. 577-584, Dez 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400012>. Acesso em 29 JUL 2021

